Dois Encontros

(No centenário de Dolor Barreira e Martinz de Aguiar)

Mozart Soriano Aderaldo

Quando vim morar em Fortaleza, tinha eu três anos de idade apenas. Mas recordo com nitidez cenas ocorridas em minha cidade natal, especialmente a morte de minha avó, D. Roberta Francisca Coelho Soriano, viúva do mossoroense Manoel Soriano Guilherme de Melo; filha de Roberto Francisco Coelho, Tenente do Exército Brasileiro que viera com o futuro Duque de Caxias pacificar o Maranhão e falecido nas refregas da Balaiada; e neta de Jerônimo Francisco Coelho, duas vezes Ministro da Guerra e Presidente de várias Províncias do Império.

Meu pai, seu genro, era oriundo de Maria Pereira, hoje Mombaça, e sua família tinha raízes nos fundadores da localidade, sendo interessante ressaltar que um deles (Antônio Honorato da Silva Limoeiro), na condição de Juiz da Paz, foi quem prendeu o bandido que, em Quixeramobim, assassinou o marido daquela que viria a ser, em segundas núpcias, avó de Rachel de Queiroz. Outro parente seu (Leonardo Marques Brasil), irmão unilateral de um de seus avós, mereceria o brazão de São Leonardo, cuja residência em Fortaleza ainda persiste intacta, fronteiriça à igreja de N. S. da Conceição da Prainha. E, por fim, um seu primo (Plácido Aderaldo Castelo) governaria o Ceará com muita lhaneza e sem os irritantes atavios de alguns de seus antecessores e sucessores.

Entre aquelas recordações incluo a viagem que fizemos – eu, meus dois irmãos, meus pais e uma irmã solteira de minha mãe – em carro de boi coberto de folhas de babaçu, durante um violentíssimo temporal noturno. Assim como guardei na memória algo acerca do navio Lloyd Brasileiro – o Manaus – que nos trouxe à capital cearense. Os especialistas que me contestem se quizerem, mas é possível recordar, com certa nitidez, fatos ocorridos aos três anos de idade.

Aqui chegada, minha família ocupou uma casa de duas portas, como se dizia, sita na avenida, então *boulevard* Duque de Caxias, lado sul do quarteirão compreendido entre as ruas General Sampaio e 24 de Maio. Do lado leste, a casa de entrada lateral, ocupada por D. Abrilina de Castro Rocha e sua filha Brinulfa, fidalga família cearense, ligada aos Studart. Do outro lado, a oeste, a casa seme-

lhante à nossa do Sr. Dedé Bezerra, primo de Antônio Bezerra, que conheci, visitando o parente, ainda no ano de minha chegada a Fortaleza e da morte do grande cearense. Na esquina da avenida Duque de Caxias com a rua General Sampaio, o casarão da família Uchoa, também de finíssimo trato. Fronteiriças a esta, as suntuosas residências das famílias Rola e Gondim.

Relembro estes fatos, que aparentemente só a mim poderiam interessar, para que, projetados além, possamos entender como, na cidade daquela década - 1920 -, era imperativo conhecer os vizinhos e, quanto a mim, explicar dois dos muitos encontros que esse clima favoreceu, para meu próprio bem e progresso intelectual.

Naquela casinha do *boulevard* demoraríamos apenas três anos, pois nos mudaríamos para outra casa da rua Barão do Rio Branco, que o povão insistia em chamar de rua Formosa, sita no lado da sombra (oeste) a constante do quarteirão encravado entre as ruas Pedro I e Pedro Pereira (ainda chamada de rua São Bernardo, como consta em "O Quinze" de Rachel de Queiroz).

Favorecer-me-ia essa mudança o conhecimento de uma das personalidades cujo encontro mais próximo, no decorrer de minha vida, haveria de me beneficiar sobremodo. É que em sobrado recuado e sito no lado da sombra na rua vizinha, a do Major Facundo, morava no quarteirão seguinte ao meu, entre a rua Pedro I e o *boulevard*, o já laureado Professor Dolor Barreira, cujos filhos, Turbay e Wagner, viriam a ser grandes amigos meus e de meus irmãos. O sobrado dava fundos para a minha rua e em frente a ele passávamos nós, os três irmãos, invariavelmente todos os dias, em demanda do Colégio Cearense.

Os anos se escoavam mas não se desvanecia nem desvanece a imagem que eu vislumbrava de longe embora: - à noitinha e até as vinte e uma horas, como era costumeiro naquele tempo, em duas cadeiras de balanço espaireciam o dono da casa e o Dr. Manoel do Nascimento Fernandes Távora. Dois "monstros sagrados", para o menino que já os conhecia pela fama.

Passaram-se os anos e destinado estava que eu seria seu aluno de Direito Civil na nossa querida Faculdade. Eram ensinamentos sólidos e seguros de quem realmente dominava, em profundidade, o direito pátrio. Seria difícil mesmo, não aprender suas lições, até pelos estudantes aplicados. E isto tudo transmitido de forma tal que não havia discípulo que não o estimasse e respeitasse, muito embora não sendo do seu estilo - muito pelo contrário - prejudicar os estudantes, reprovando-os.

Anos depois encontrar-nos-íamos no Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará, ele como um de seus expoentes e

eu ensaiando os passos para uma caminhada que só Deus sabe quando findará.

Achava-se ele, nesse tempo, interessado em rearticular a Academia Cearense de Letras, fundindo-a com a Academia de Letras do Ceará, esta entregue à dedicação de Henriqueta Galeno.

Em tempos passados, a luta entre as duas fora educada mas veemente. E ainda perdurava o ranço dessa antiga malquerença. Somente o espírito desarmado e conciliador de Dolor Barreira seria capaz de enterrar as mágoas e juntar as duas para um trabalho comum. Foi o que ele fez, para alegria de todos os Acadêmicos, os de cá e os de lá, que o elegeram seu Presidente, realizando assim um indiscutível ato de jutiça.

Deve-lhe a Academia esse grande e inestimável serviço. E foi com esse mesmo espírito de amor às letras que Dolor Barreira se debruçou sobre alfarrábios, jornais e revistas empoeirados e quase em decomposição, além dos inúmeros e preciosos livros de sua preciosa biblioteca, para escrever a monumental obra que é a sua "História da Literatura Cearense", encomendada pelo Instituto do Ceará. São quatro alentados volumes, insubstituíveis, indispensáveis mesmo, para quem deseje conhecer a produção literária da elite pensante do Ceará.

Nessa época voltei a ser seu aluno no Curso de Doutoramento da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará. Dolor persistia o mesmo: - bom, competente, estimulante. Como seu consócio no Instituto do Ceará, foi-me permitida a mim uma aproximação maior do que aos outros colegas com o insigne mestre e auferir, cada vez com mais sofreguidão, seus preciosos e inesquecíveis ensinamentos, quer no campo do direito, quer no da literatura.

Precisamente hoje, dia 13 de abril de 1993, o mundo pensante do Ceará comemora o centenário de nascimento desse conterrâneo nosso, que faleceu aos setenta e quatro anos. Vinte e seis anos já se passaram desde esse triste evento, mas o renome de Dolor Barreira permanece e atá cresce através de sua obra imortal.

Honra lhe seja, pois!

Outro encontro, que repercutiria enormemente em minha vida foi o que tive com o Professor Martinz de Aguiar. Havia sido quem me preparara, como o Hugo Gouveia e outros, na pequena sala de visitas da casa de seu pai, na rua General Sampaio, lado da sombra, quarteirão compreendido entre as ruas Pedro Pereira e Pedro I, para o exame de admissão ao Liceu do Ceará. Mas éramos crianças tinha eu então apenas onze anos e não nos interessava nada além da aprovação no exame a que brevemente nos submeteríamos. O "encon-

tro" a que me refiro se daria quatro anos depois, quando fui seu aluno no 4° ano do curso seriado do vetusto e queridíssimo estabelecimento de ensino. Ensinava ele Português Histórico, matéria que lhe era afeita porque não se dizia apenas um gramático mas um filólogo. Os livros textos - e tínhamos somente quinze anos ou pouco mais! - eram os "Lusíadas" e "Iracema"... Certa feita, chegou ele um tanto afogueado na sala de aula e declarou que, naquele dia, não seguiria o programa, preferindo outra alternativa. Mandou então que abríssemos o primoroso livro de Camões e lêssemos as duas primeiras estrofes. Isto feito, declarou com sua voz altitonante que o aluno que apontasse a oração principal receberia grau 10 (sua expressão foi outra, bem chula, que não ouso repetir nessa ocasião). Começou pelos mais velho e mais conceituados como estudantes: - o Tancredo Halley Alcântara (o "Casco Escuro" das eleições senatoriais de 1962), o Teixeira de Freitas, Rui e Humberto Gouveia etc. Esgotada a primeira fila, composta dos mais considerados, sem que nenhum acertasse, forçoso seria passar à segunda, na qual eu me sentava costumeirante - nem na primeira, nem na última. Tive a sorte (ou a sagacidade, visto como ia eliminando as indicações erradas) de acertar: - "As armas e os barões assinalados cantando espalharei por toda parte"... Foi aquela surpresa! Um aluno medíocre, que jamais se projetara, sentando-se sempre na fila intermediária, talvez o mais jovem de todos, apontar a oração principal dentre um intrincado labirinto de orações subordinadas como é próprio de Camões! Forçoso seria atribuir-me o 10 solenemente prometido. Mas qual o que... Para mim algo se exigia que não fora pedido aos demais: - O 10, sim, mas com a oração na ordem direta. O obstáculo, todavia, era meramente aparente, pois aprendera a matéria no Colégio Cearense, e respondi, mais confiante: "Cantando espalharei por toda parte as armas e os barões assinalados"... E, de par, esnobando, esclareci que o sujeito se achava oculto, apontei o predicado etc. Todos olhavam para mim, colegas e mestre, estarrecidos. E este, após atribuir-me o 10 prometido, acrescentou que o procurasse depois. Fi-lo entre temeroso e curioso. Sosseguei quando Aguiar me disse que gostaria de me dedicar especial atenção, orientando minhas leituras.

Foi a sopa no mel. Mas... onde conseguir os livros? Garoto pobre, não me seria possível adquirir as obras por ele apontadas. A solução foi procurar a Biblioteca Pública do Estado, então abrigada na parte oeste dos baixos da Assembléia Legislativa, em recesso depois da Revolução de 1930. Sua diretora ou supervisora era uma distintíssima senhora casada com um Studart, que paulatinamente foi admirando o meu interesse pelos livros, não mais colocando nas estantes a obra que eu estava lendo mas guardando-a na gaveta de seu *bureau* para não ter o trabalho de buscá-la e repô-la dias após dias.

Data de então a profunda amizade que me uniu ao Aguiar. Seu ex-aluno, fui depois seu colega no Instituto do Ceará e - mistérios da vida - seu sucessor na Academia Cearense de Letras. Sua confiança em mim era tamanha que, ao levarem à sua assinatura qualquer documento do Instituto, ele indagava: - "Mozart já assinou?" Se a resposta fosse negativa ele se excusava, pedindo que primeiro colhessem o meu assentimento. E, poucos meses antes de falecer, entrevistado pelo jornalista Pantaleão Damasceno, dos Diários Associados, esclareceu que sua maior glória não se assentava nos títulos e condecorações que recebera no decorrer de sua vida, mas no fato de ter sido professor de Mozart Soriano Aderaldo, Parsifal Barroso e mais cinco ou seis ex-alunos seus... Perdoem-me a aparente imodéstia, mas a humildade é a verdade e o que acaba de ser dito pode ser facilmente comprovado através de pesquisa nas hemerotecas da cidade. E é compreensível que eu me orgulhe desse galardão que o velho mestre, nas proximidades da data em que foi para sempre, apôs em meu velho peito.

Nascido a 4 de março de 1893 - cem anos, portanto, se passaram -, deixou-nos para sempre em 1974, tendo vivido, assim, 81 anos de bons trabalhos no campo da educação e da cultura em nosso Estado, douto como nenhum outro embora não doutor, a não ser através de justa homenagem da Universidade Federal do Ceará que lhe outorgou o honrosíssimo título de doutor *honoris causa*.

Outros "encontros" haveria de ter eu no decorrer de minha já um tanto longa caminhada pelo mundo. No Rio, recordo a amizade com o grande Clóvis Beviláqua, em cuja residência, a seu convite, jantei várias vezes, assim como a aproximação com o Dr. Amoroso Lima (o Tristão de Atahyde da primeira fase de sua vida) e com Adelmar Tavares, e a sábia e segura orientação que recebi do jesuíta Pe. Pedro Cerruti, falecido em outubro do ano passado, do dominicano Frei Sebastião Tauzin e do beneditino Dom Martinho Mitchler. Outros "encontros", ainda, poderiam ser citados, como a convivência com o Laurinho de Araújo Barbosa, meu colega de estudos jurídicos que, depois de formado em Ciência do Direito, tomaria o hábito de beneditino e seria o Dom Marcos Barbosa, ilustre membro da Academia Brasileira de Letras. E como, já de volta ao Ceará, aqueles que me aproximaram de Pompeu Sobrinho, Raimundo Girão, Carlos Studart Filho, Renato Braga e Martins Filho, meus mestres em história, geografia e antropologia cearense. E a conviência diária com os membros do Grupo Clã - Artur Eduardo Benevides, ilustre Presidente desta Academia, Fran Martins, Eduardo Campos, João Clímaco Bezerra, Moreira Campos e Stênio Lopes, e os já falecidos Antônio Girão Barroso, Otacílio Colares, Aluísio Medeiros, Braga Montenegro, Joaquim Alves e Milton Dias.

Nenhuma dessas aproximações me alcançou naquela fase decisiva de minha vida como os "dois encontros" aqui mais longamente referidos. É que, além da real importância de suas eminentes posições na socidade cearense, encontraram-me eles dois numa fase importantíssima da vida de qualquer um, saindo da meninice e em plena adolescência. Se merecem a homenagem de quantos organismos culturais eles integraram, de seus ex-alunos agradecidos e de todo o Ceará pensante, para mim, de modo particularíssimo, a lembrança de ambos permanece inapagável pelas razões antes expostas.

Mortos nos seus corpos, o espírito dos dois ainda ilumina e continuará clareando o roteiro de quantos desejam aprofundar-se no conhecimento das obras das figuras marcantes da literatura cearense, autorizadamente analizadas pelo Prof. Dolor Barreira, ou conhecer menos profunctoriamente a

"Língua minha, dulcíssima e canora
em que mel com aroma se mistura,
agora leda, lastimosa agora,
mas não isenta nunca de brandura...",

também objeto dos mais puros amores do Prof. Martinz de Aguiar.

Por tudo isto que foi relembrado e por muito mais que a imperfeição humana não permitiu registrar, ambos merecem que, servindo-me dos sacramentais da Igreja, termine esta louvação assim orando:

"Dai-lhes, Senhor, o descanso eterno
e a luz perpétua os ilumine.
As almas dos fiéis defuntos
pela misericórdia de Deus
descansem em paz.

Amém.

